

# Simonsen teme repetição da pressão inflacionária

Rio — O ex-ministro do Planejamento e diretor do Citybank, professor Mário Henrique Simonsen, disse ontem que teme os efeitos de propagação nos próximos meses da pressão inflacionária que se manifestou no mês de março, quando foi atingida a segunda maior taxa de inflação da história do país com 10,1 por cento. Segundo ele, há pelo menos dois pontos onde deveriam ser adotadas medidas para corrigir esse impacto — a política salarial e a correção monetária.

Ele voltou a insistir na necessidade de "desindexação" da economia, para evitar que os efeitos da maxidesvalorização do cruzeiro, que tiveram um peso determinante na inflação de março, continuem influindo sobre o índice geral de preços e reproduzindo-se nos diversos segmentos econômicos. A "desindexação", abrangendo o desligamento da correção monetária dos índices de inflação e a mudança na política salarial através de um acordo geral entre sindicatos de trabalhadores, empresários e governo, é para Simonsen o único caminho viável no sentido de evitar os reflexos negativos da máxi.

O ex-ministro do Planejamento abordou

também a questão do aumento das cotas do Fundo Monetário Internacional, contestando a posição externada pelo ex-secretário norte-americano, William Simon, contrário ao aumento das cotas. Para Simonsen, interessa ao Brasil um reforço das organizações multilaterais de crédito internacional e o fato, apontado por Simon, de que o Fundo Monetário não é mais controlado pelos Estados Unidos, "só vem ao encontro da nossa posição. Os Estados Unidos não podem pretender este controle, assim como o Brasil, ou o México, não devem ter essa aspiração. O importante é sustentar o crédito multilateral".

## COMPENSAÇÃO

É necessário que o governo crie uma câmara de compensação das diversas contas a pagar no país, reconsolidando os débitos dentro de suas possibilidades, zerando posições, liquidando o que for necessário, pois somente assim se poderá obter um estancamento do processo inflacionário, segundo afirmou ontem o economista da Fundação Getúlio Vargas e editor da *Conjuntura Econômica*, Paulo Rabello de Castro.